



NOVEMBRO AZUL

O câncer da próstata é a segunda doença que mais afeta os homens no mundo, e especialistas alertam contra o preconceito e o medo do tratamento. Segundo dados do Inca, em média, 71,1 mil brasileiros confirmam o diagnóstico anualmente no país

O mal que atinge mais de 71 mil ao ano

» IAGO MAC CORD*

O câncer de próstata é a segunda doença que mais afeta homens no mundo. Dados do Instituto Nacional do Câncer (Inca) mostram que, em 2022, mais de 16,4 mil morreram devido à doença no Brasil. Em média, 71.730 homens descobrem estar com a doença em algum estágio por ano no Brasil, número fixo anual para o triênio 2023-2025, segundo dados do Inca. O órgão informa ainda que o país tem uma taxa de incidência de 55,49 para cada 100 mil habitantes.

Mas, dentro do território brasileiro, a discrepância entre os entes federativos chama a atenção. O Distrito Federal, com 2,8 milhões de habitantes — conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) —, possui uma taxa de 28,21, a menor do país. Enquanto isso, a Bahia, com uma população de 14,14 milhões, tem uma taxa de incidência do câncer de próstata de 79,42 para cada 100 mil pessoas, maior do país. Pode até parecer que tem relação com o número de habitantes, mas São Paulo, o estado mais populoso do país, com 44,41 milhões de pessoas, possui uma incidência inferior à média nacional, de 47,33.

Pesquisa da Nexus sobre o tema, em parceria com a A.C. Camargo Cancer Center, aponta que um a cada três homens com mais de 45 anos não fizeram e nem farão o exame de toque retal para diagnóstico do câncer de próstata — a principal forma de diagnóstico antes da biópsia. A mesma pesquisa também indica que 59% do público masculino diz saber como se prevenir contra esse câncer.

Preconceito

A doutora em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e especialista em sociologia de gênero Camila Galetti explica que a tarefa do cuidado, de si e dos outros, é associada ao feminino. Além disso, ela julga que os homens não vão atrás de informações. “Eles não procuram médicos, não procuram nada que faça alusão ao cuidado, porque fazem essa associação com algo estritamente feminino. Os homens não buscam informações e é preciso termos a dimensão de que eles são os que mais adoecem”, destaca a especialista.

Para Galetti, esse estigma é uma questão construída socialmente, o que faz os homens não buscarem o autocuidado, porque isso significa estar vulnerável.

» Mês de conscientização

O 11º mês do ano é escolhido para o movimento Novembro Azul, de conscientização e incentivo à prevenção do câncer de próstata, desde o início dos anos 2000 e original da Austrália. E 17 de novembro é a data escolhida para ser o Dia Mundial do Combate ao Câncer de Próstata. Em quase todo o mundo, o mês foi escolhido para governos, ONGs e institutos realizarem parcerias para estimularem a realização do rastreamento e do autocuidado masculino. Apesar de o Ministério da Saúde e o Instituto Nacional do Câncer (Inca) não reconhecerem o dia como uma data oficial, os órgãos, junto à Sociedade Brasileira de Urologia (SBU), se propõem a divulgar campanhas sobre a saúde integral dos homens, incentivando a adoção de hábitos mais saudáveis no cotidiano masculino.

“Quando você vai atrás de um médico ou de um cuidado, você tem que demonstrar uma fragilidade, uma vulnerabilidade. E essas questões, historicamente, não estão associadas ao masculino. [...] Isso tudo é um conjunto, se atrela a essa masculinidade tóxica. Eles acham que buscar um atendimento, ter que ser tocado por um profissional, uma pessoa que se especializou, vai estar em xeque a sua masculinidade. E sabemos que isso só prejudica os próprios homens”, ressalta.

Além disso, a especialista pontua que, na mídia hegemônica, sempre se dá mais ênfase ao autocuidado feminino, como no movimento Outubro Rosa, que visa conscientizar e prevenir o câncer de mama, e, de acordo

com a especialista, é difícil observar programas governamentais voltados especificamente para a saúde do homem. “Quando uma criança adoece, é sempre a mãe que vai destinar o cuidado. Essa associação também faz com que os homens não se sintam parte disso e não tenham afinidade com o cuidado”, acrescenta.

Autocuidado

A médica Rafaela Veloso, oncologista do Hospital Sírio-Libanês de Brasília, defende que novembro seja mais do que um mês para a conscientização sobre o câncer de próstata. Ela sugere abordar, também, toda a temática do autocuidado masculino e a desmistificação dos exames.

Segundo a especialista, muitos pacientes evitam realizar os exames com medo de realmente terem o câncer e, consequentemente, realizar um tratamento que comprometa a sexualidade do indivíduo. Por isso, preferem não descobrir.

Aliás, a pesquisa da Nexus também mostra que 68% dos homens acreditam que aqueles que tiveram problemas na próstata possuem um risco maior de desenvolver disfunção erétil. Dos entrevistados com idade dos 16 aos 24 anos, 58% julgam correta a afirmação, número inferior ao colhido entre os homens mais velhos — 70%.

A doutora explica que, por conta do desprezo com a própria saúde, a expectativa de vida masculina é menor. “Sem dúvida, isso é ruim para a saúde física e também para a saúde mental”, explica Veloso.

Alexandre Cavalcante, médico urologista — a especialidade na linha de frente contra a negligência masculina para com o autocuidado — explica que a principal dificuldade que enfrenta no trabalho é, além da conscientização dos homens, o fato do paciente subestimar eventuais consequências que o diagnóstico do câncer pode trazer. Para o médico, dentre todos os problemas, o

preconceito masculino. “O homem que se acha saudável fala que nunca foi ao médico. Ele tem essa relação ‘não, eu sou forte, eu nunca fui ao médico. A fortaleza do homem está em saber que sua saúde está plena de fato, e não omitir essa informação ou ter medo dessa informação e, por isso, não procurar o médico’, afirma o urologista do Hospital Sírio-Libanês de Brasília.

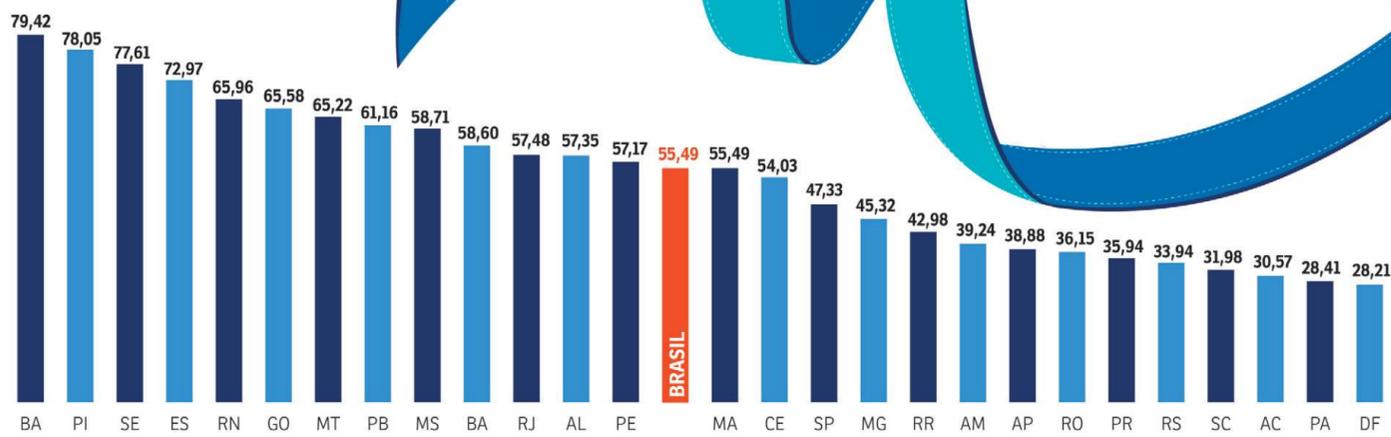
De acordo com Alexandre Cavalcante, a necessidade da procura de um urologista começa a partir dos 45 anos — em casos de histórico familiar de câncer de próstata — ou 50 anos. Já a pesquisa da Nexus indica que 52% dos homens pensam que o câncer de próstata é uma doença típica da terceira idade. No grupo dos com mais de 60 anos, 63% acredita na afirmação.

Segundo o urologista, as gerações mais recentes têm se mostrado mais desprovidas desse preconceito enraizado, que ele julga vir das gerações anteriores, e, portanto, os médicos precisam encorajar os mais medrosos. “Hoje, os homens se cuidam mais do que antigamente. Eles têm menos medo de procurar ajuda”, complementa.

*Estagiário sob a supervisão de Rosana Hessel

Retrato nacional

O câncer de próstata é o segundo mais comum entre os brasileiros. Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), estima-se que o país registre mais de **71 mil casos** por ano. Confira a taxa de incidência para cada **100 mil habitantes**.



Fonte: Instituto Nacional do Câncer (Inca) relativo ao triênio 2023-2025

Tratamento mais evoluído

Com o avanço da medicina, houve aumento na facilidade desde a descoberta até a cura, o que os especialistas reforçam que existe. “O câncer de próstata tem cura e quanto mais precoce, maior é a chance de remissão”, enfatiza Rafaela Veloso. Dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), é oferecida toda a linha de cuidado para o diagnóstico e para o tratamento do câncer de próstata, como exames de investigação diagnóstica — PSA (sigla em inglês para antígeno prostático específico) e toque retal —, e o exame histopatológico — biópsia —, além do tratamento com cirurgia, radioterapia e, eventualmente, quimioterapia.

O levantamento feito pela Nexus mostra que 35% dos homens entrevistados pelas organizações julgam correto afirmar

que o exame, para prevenir o câncer de próstata, só é necessário se o paciente apresentar sintomas e 30% acreditam que o câncer de próstata sempre apresenta sintomas, então esperariam o surgimento deles para procurar ajuda médica.

O urologista Alexandre Cavalcante ressalta que o câncer de próstata não possui uma causa específica, apesar de ele estar muito atrelado ao estilo de vida do homem. Com o avanço da tecnologia, ele destaca a ressonância magnética que, apesar de não ser nova, está amplamente disponível, seja no sistema público, seja no privado. Porém, lembra que a confirmação do câncer só vem, de fato, por meio da biópsia. “Não é o PSA, não é o toque retal e não é a ressonância que vão dizer quem tem câncer.

Esses exames mostram que tem suspeita de ter câncer, mas a confirmação ocorre após a biópsia.”

Novas tecnologias

A oncologista Rafaela Veloso destaca a cirurgia local e a radioterapia como os procedimentos mais comuns no tratamento quando esse câncer ainda se encontra controlado. “Os avanços principais que vimos, nos últimos anos, referem-se às máquinas de radioterapia que, hoje em dia, são muito modernas e conseguem focar cada vez mais no tecido prostático e atacar a doença de uma maneira muito mais precisa. Com isso, preservam os tecidos saudáveis que estão ali”, explica.

A especialista conta também que percebeu que as novas tecnologias e abordagens médicas

mudaram “de maneira bastante significativa” a perspectiva de cura e sobrevida dos homens. “Antigamente, as cirurgias eram cirurgias abertas, que levavam a uma incisão cirúrgica muito grande. Existia uma dificuldade em identificar as estruturas, um risco maior de comprometer os feixes nervosos que comandam a questão da sexualidade, da potência do homem no pós-operatório”, ressalta. “Hoje em dia, por exemplo, com a cirurgia robótica, é possível operar, fazer uma cirurgia, do ponto de vista oncológico, segura. Ao mesmo tempo, ela consegue minimizar o tamanho da inserção cirúrgica, diminui a dor do pós-operatório, há mais chance de preservar os feixes nervosos que comandam a parte sexual e mantém o homem potente do ponto de vista sexual pós-operatório”, complementa. (IMC)

Palavra de especialista

Homem que é homem se cuida?

“A realidade é que a masculinidade é algo muito frágil. Ao ponto do homem ter que se afirmar cotidianamente, o tempo todo. Tudo isso mascara a realidade e, enfim, remete ao medo. Então, o homem que é homem vai buscar ajuda porque ele entende que nós somos indivíduos, seres coletivos, e a gente precisa das outras pessoas também.”

Camila Galetti, doutora em sociologia pela UnB

“Homem que é homem se cuida, se preocupa com a alimentação, se preocupa em viver em um ambiente mentalmente seguro, mentalmente sadio. Se preocupa em fazer os exames de rotina, pensando em fazer diagnóstico precoce para conseguir manter-se ativo e saudável pelo maior tempo possível.”

Rafaela Veloso, oncologista do Hospital Sírio-Libanês

“Até por essa questão cultural de achar que o homem é a figura mais forte da casa, o homem precisa estar bem de saúde, o homem precisa estar forte, precisa estar saudável. Então, o homem que se cuida é um homem que cuida da sua família, é um homem que cuida dos seus filhos, é um homem que tem longevidade, que viverá muito tempo.”

Alexandre Cavalcante, urologista do Hospital Sírio-Libanês